

A RIVALIDADE ENTRE O MUNDO REAL E SUA REPRESENTAÇÃO

Os moedeiros falsos de André Gide

Ana Ferreira

Universidade de São Paulo (USP)

ana.ferr@hotmail.com

RESUMO: Este texto consiste em um ensaio sobre o romance *Os moedeiros falsos* (1925), do escritor francês André Gide. Na composição especular da obra, *Os moedeiros falsos* é o título do livro a ser escrito pelo personagem Édouard. Entre as ideias registradas em seu diário, destaca-se a tragédia moral que se torna o centro do romance de Gide, e concentra-se no possível processo de *mise en abyme* reverso que resulta um trágico apócrifo impresso na realidade.

PALAVRAS-CHAVE: André Gide; Os moedeiros falsos; *mise en abyme*; tragédia moral.

ABSTRACT: This paper suggests an analysis of the novel *Les Faux-Monnayeurs* (1925) by French writer André Gide. In *mise en abyme* composition, *Les Faux-Monnayeurs* is a book to be written by Édouard. From the ideas registered in his diary, it detaches the moral tragedy that will be the center of the Gide's novel, further it emphasizes the possible *mise en abyme* reverse process that results a tragic apocryphal pressed in the reality.

KEYWORDS: André Gide; Les Faux-Monnayeurs; *mise en abyme*; tragédia moral.

Um tipo de tragédia parece-me ter escapado à literatura até o presente. O romance cuidou das vicissitudes da sorte, da boa ou má fortuna, das relações sociais, do conflito das paixões, das personalidades, mas não da própria essência do ser.

Transportar o drama ao plano moral era, entretanto, o esforço do cristianismo. Mas não há, falando com propriedade, romances cristãos. Há os que se propõem fins edificantes; mas isso nada tem a ver com o que quero dizer. A tragédia moral – que, por exemplo, torna tão formidável a frase evangélica: ‘Se o sal se torna insípido, com que se há de restaurar-lhe o sabor?’ É essa tragédia que me importa. (GIDE, 2009: 136).

Este trecho é uma nota do diário de Édouard, personagem do romance *Os moedeiros falsos*⁰¹, de André Gide, publicado em 1925, quando o mundo se via totalmente modificado pela Grande Guerra, que não é mencionada no romance, mas se configura na explosão do gênero em gêneros vários, nas muitas vezes que se retalham na narrativa, nas histórias aos pedaços por toda parte, na confusão entre autor, narrador, personagem, personagem da personagem, e, em especial, na estrutura abismal — *mise en abyme* —, e na tragédia moral que importa a Édouard e que se torna o centro do romance de Gide. Édouard, personagem escritor, prepara um romance cujo título é *Os moedeiros falsos*. Entre as ideias para esta obra, amplamente registradas em seu diário, destacamos a tragédia moral que se identifica já a partir do anunciado-título do romance.

A tragédia prometida por Nietzsche⁰² e a que importa ao personagem Édouard se apresentam já no primeiro parágrafo de *Os moedeiros falsos*, quando uma gota de suor cai sobre

01 Título original: *Les Faux-Monnayeurs*. Éditions Gallimard, 1925.

02 “Eu prometo uma época trágica: a arte mais elevada de dizer — sim à vida, a tragédia haverá de voltar a renascer, quando a humanidade tiver atrás de si a cons-

uma carta do acaso: “Encena uma lágrima”, pensou Bernard, “Mas é melhor suar do que chorar” (GIDE, 2009: 13). Numa velha carta de amor endereçada a sua mãe, o jovem Bernard descobre-se bastardo e deixa a casa dos pais. Passa a noite na casa do colega Oliver e, no dia seguinte, depois de perambular e dormir num banco do cais, vai atrás deste colega que deveria receber Édouard, o tio escritor, na estação Saint-Lazare. Bernard se apossa da mala de Édouard, tem acesso ao seu diário, e eis o principal motivo da questão: provar a Édouard que não é um ladrão. Isto logo se resolve, a relação entre os dois se estreita, Bernard passa a fazer parte vida do romancista, e, por consequência, de seu romance “ditado pela realidade”. Todavia, a realidade parece ter um ditador, ou orquestrador (para evitar a redundância), que seria o vil visconde Robert de Passavant, autor do recém lançado romance *A barra fixa*.

Édouard evita emitir opiniões e julgamentos acerca do visconde escritor, mas o narrador, de pronto, comenta que “Passavant parece-lhe menos um artista que um impostor” (GIDE, 2009: 76). Édouard não confirma tal comentário, mas parece arrependido de ter anunciado o título de seu novo romance: “Não está seguro de que *Os moedeiros falsos* seja um bom título. Fez mal em anunciá-lo” (GIDE, 2009: 83), comenta o narrador. Mais adiante, sabemos que Édouard teme que o título “seja um pouco enganador”, e, quando questionado sobre quem seriam “esses moedeiros falsos”, o narrador prontamente se encarrega da resposta: “era em alguns de seus confrades que Édouard imaginava inicialmente, ao pensar em moedeiros falsos; e em especial no visconde de Passavant” (GIDE, 2009: 209).

Cabe correlacionar o conde escritor Robert de Passavant, com Ginés de Pasamonte, personagem de *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, obra fundante

ciência das guerras mais duras, mas mais necessárias, sem sofrer por causa disso [...]” (NIETZSCHE, 2003: 87).

do gênero romance⁰³. Em resposta à apropriação de suas proezas e personagens por Alonso Fernández de Avellaneda, pseudônimo de Jerónimo de Pasamonte, Cervantes cria e recria Ginés de Pasamonte, personagem que sugere o autor do *Quixote* apócrifo — um mau escritor surruprador de ideias e proezas, igualmente ao Passavant de André Gide. Também nos “moedores”, Gide talvez jogue com os “moedores” de Cervantes (*monnayeurs* – *meuniers*)⁰⁴.

Tendo Édouard anunciado publicamente o título, pode-se conjecturar que Passavant se reconhece na metáfora do moedeiro falso. Para se esconder e banalizar a metáfora, quizá anular

03 No capítulo XXII da primeira parte de *D. Quixote de la Mancha* (1605), *Ginés de Pasamonte* é liberto por Quixote junto a outros condenados da justiça (galeotes). O personagem teria escrito uma autobiografia intitulada *La vida de Ginés de Pasamonte*, e foi provavelmente inspirado na figura de Jerônimo de Pasamonte, cuja autobiografia muito se assemelha à vida de Cervantes, tendo igualmente combatido em Lepanto e ficado cativo dos turcos. Segundo Helena Percas de Ponseti, “a indignação de Cervantes ao ver que Jerônimo se apropriara de suas proezas o levou a retratar cruelmente ao seu antigo companheiro de guerra sob o nome de Ginés de Pasamont” (PONSETI, 2006: 171). Jerônimo teria se reconhecido na ficção de Cervantes e tentado impedir a prometida segunda parte de *Dom Quixote*, publicando antes uma versão apócrifa sob o pseudônimo Alonso Fernández de Avellaneda. Como observa Alfonso Luiz Jiménez, Cervantes se reconhece no autor de um grupo de comediantes da versão apócrifa, e em satírica resposta a Avellaneda, na segunda parte de *Dom Quixote* (1620), converte Guinés de Pasamonte em titeriteiro tradutor de um macaco (JIMÉNEZ, 2004). Além da queixa de Cervantes no prólogo, toda a segunda parte de *Dom Quixote* é permeada de referências e correções ao usurpador de suas matrizes e personagens.

04 Na dissertação *A recepção da literatura pela crítica brasileira: leituras da obra de André Gide* (2001), Laura Teixeira Miller realça que Gide cria “um jogo irônico com o sentido de algumas palavras”, como o sobrenome Profitendieu, que lido rapidamente, “[...] soa como: aproveitemo-nos de Deus” (MILLER, 2001: 83). Ainda, segundo Miller, André Gide não passou da sexta sessão de psicanálise, mas “[...] transformou sua psicanalista Mme. Sokoinicka em um dos personagens de *Les Faux Monnayeurs*, Mme. Sophroviska a psicanalista que tentou curar o jovem Boris” (MILLER, 2001: 57).

o livro, Passavant trama para tornar a leitura literal, trazendo à cena moedeiros falsos verdadeiros. De modo que, se Édouard aguarda que a realidade lhe “dite o conteúdo”, Passavant, rico e influente, propõe-se a produzi-la, tornando-se uma espécie de ditador do autor, secreta e indiretamente. E a produção desta realidade falseada conta com pessoas caras e inspiradoras a Édouard, a começar por seu sobrinho mais velho. Segundo o narrador, “o visconde tinha razões secretas para se aproximar de Vincent” (GIDE, 2009: 46). Uma dessas “razões” é induzi-lo a perder no jogo todo o dinheiro que se destinava à grávida e desamparada Laura, amiga de Édouard, a quem ela recorre escrevendo uma carta. Eis um trecho:

Estou escrevendo para o endereço de Londres que você me deu, mas quando esta carta chegará a você? E eu que desejava tanto ser mãe! Agora só faço chorar o dia todo. Aconselhe-me, não espero nada a não ser de você. Socorra-se, se isso lhe for possível, e senão... Que pena! Noutros tempos e teria tido mais coragem, mas agora não sou só eu que morro. (GIDE, 2009: 77).

Mancomunado com Lilian, a Lady Griffith que ama parcialmente Vincent, Passavant exerce toda sua vileza, oferecendo ao rapaz a quantia que perdera, com a condição de que tentasse recuperar seu dinheiro jogando, o que acontece. Depois de possivelmente ter colocado uma boa quantia de moedas falsas em circulação, Vincent passa a viver correndo mundo com a comparsa de Passavant. Outra das tais “razões secretas” do visconde escritor seria, através de Vincent, aproximar-se de seu irmão Oliver, que, além de escrever, admira o tio romancista. Feita a ponte, Passavant oferece ao garoto a direção de uma revista (surrupada de Dhurmer, seu colega), além de roupas novas, presentes, viagens e amigos influentes. Deslumbrado, Oliver afasta-se da família e muda o comportamento e o discurso, influenciado por Passavant, que “tira proveito de tudo” e diz que “a arte da vida é aprender tirar partido”, conforme o elogia Oliver numa preocupante carta a Bernard.

Saiba que é o redator chefe da nova revista *Vanguarda* que está lhe escrevendo. Depois de algumas deliberações, aceitei assumir essas funções, de que o conde Robert de Passavant julgou-me digno. É ele quem financia a revista, mas não faz muita questão que se saiba disso e, na capa, só o meu nome aparecerá (GIDE, 2009: 231).

A realidade orquestrada por Passavant naturalmente não deixaria de fora o dissimulado Georges, sobrinho caçula de Édouard, e “o mais jovem de seus heróis”. Seguindo as instruções de um primo, Ghérdanisol propõe a Georges e outros colegas a criação de uma associação secreta, cujos membros seriam admitidos sob a condição de trazerem provas de segredos de suas famílias para futura chantagem. Uma das missões da associação, não por acaso, é passar moedas falsas adiante, e desta forma Passavant busca safar-se da metáfora de Édouard, envolvendo o pequeno Georges no tráfico dessas moedas, o que se dá sem dificuldades. O primo mentor de Ghérdanisol é o enganador Strouvillou, a quem Passavant, entre outros serviços, chega a propor “um verdadeiro posto de ditador”.

Não bastando os três sobrinhos e a amiga de Édouard, a vileza do conde escritor acaba por recair sobre o pequeno Boris, neto problemático do professor La Pérouse, trazido por Édouard de Saas Fée a Paris a pedido desse seu velho amigo. Acaba por ser Boris a grande vítima do plano diabólico, da tragédia moral que culmina com seu suicídio, fato que Édouard se recusa a utilizar em seu romance, pois se lhe mostra indecente.

Sem pretender exatamente explicar nada, gostaria de não oferecer nenhum fato sem uma motivação suficiente. É por isso que não utilizarei para *Os moedeiros falsos* o suicídio do pequeno Boris; já tenho bastante dificuldade para entendê-lo. E, além disso, não gosto das “notícias policiais”. Tem algo de peremptório, de inegável, de brutal, de ultrajantemente real... Consinto que a realidade venha apoiar meu pensamento como uma

prova; mas não que o preceda. Desagrada-me ser surpreendido. O suicídio do Boris mostra-se a mim como uma *indecência*, pois não esperava por ele (GIDE 2009: 415, grifo do autor).

Da mesma forma que Édouard intenta maquiar Passavant como moedeiro falso em seu romance, o autor André Gide pinta a crise histórica sem qualquer menção à Grande Guerra, como foi apontado, constando apenas uma palestra patriótica a que Bernard assiste e distingue o seu irmão mais velho entre os rapazes que se alistam; e o discurso de Strovilhou que soa terrorista, farto de acidentes e bombas. Todavia, nesta “espécie de romance”, os fatos surpreendentes, as histórias adjacentes, os documentos, e, especialmente, a rivalidade entre realidade e ficção, estão a serviço do romance que Édouard escreve, o que faz de *Os moedeiros falsos* um romance de inatividade ativa, afinal.

Em *Os moedeiros falsos*, a crise atinge a forma, a tragédia se espraia na trama contada por um coro, mas o gênero romance segue presente, magistralmente transgredido por André Gide. Como “aquele coro trágico dos gregos”, para Nietzsche difícil de entender, porque é “mais antigo, mais original e mais importante que a ‘ação’ verdadeira” (NIETZSCHE, 1948: 70).

Além da explosão de histórias e da profusão de vozes, Gide deixa muito por deduzir, concluir e preencher, como se pode notar nos nomes e termos por escrever, que tanto sugerem incabamento quanto deliberadas omissões do autor; incógnitas que ficam para o leitor, entre outras tantas neste romance em que “fingir” é um verbo mais que recorrente. Dentre as lacunas, vale destacar uma nota do diário de Édouard, referente ao “ano passado”:

Refleti muito sobre o que me disse X... Ele nada conhece da minha vida, mas eu lhe expus longamente meu plano para *Os moedeiros falsos*. O conselho dele me é sempre salutar, pois ele se coloca num ponto de vista diferente do meu. Teme que eu caia no factício e que abandone o verdadeiro assunto pela sombra deste meu cérebro (GIDE, 2009: 101).

Não há como saber quem é “X”, mas trata-se de uma visita importuna, pois Édouard foi “interrompido” e a conversa desconfortante. Imediatamente antes da nota sobre a visita de X, Édouard questiona a representação de seu próprio personagem e reflete sobre as inverossimilhanças da realidade e sobre a dificuldade “para maquiagem a verdade”, isto, depois de relatar o flagrante em seu sobrinho Georges, furtando um livro, e posterior visita à meia-irmã Pauline, quando se encanta com Oliver. Nessa instância, é evidente que os parentes já se lhe esboçam personagens, e, tendo exposto “longamente” o plano de *Os moedeiros falsos* para “X”, não é impossível que os tenha mencionado como seus referentes. Independentemente de quem seja “X”, Édouard expôs seu plano, falou de seu livro, além de ter anunciado publicamente o título, de modo que seria uma “ideia no ar” para o conde: “Tudo o que não estava impresso era, para Passavant, uma boa presa; o que ele chamava de ‘ideias no ar’, isto é: as dos outros” (GIDE, 2009: 284).

Descaradamente, Passavant aproveita tudo que ainda não foi escrito e publicado, tanto que nem um discurso de Vincent sobre animais marinhos lhe escapa, conforme demonstra a já citada carta de Oliver a Bernard:

Ele tem opiniões e ideias extremamente originais. Eu o incentivo o quanto posso a escrever certas teorias totalmente novas que me expôs a respeito dos animais marinhos das profundezas e do que ele chama de “luzes pessoais” (GIDE, 2009: 234).

No caso de Édouard, mais do que meramente usurpar suas ideias, o conde escritor se prestaria a aplicá-las na realidade, ajustando-as ao sentido literal do título *Os moedeiros falsos*, que o teria incomodado metaforicamente. Dessa maneira, na composição especular do romance de Gide, *Os moedeiros falsos* é o livro de

Édouard a se escrever no seu decorrer.⁰⁵ Inversamente, podemos considerar que Passavant se apropria da ideia de Édouard para produzir uma vil realidade, ou seja, num procedimento de *mise en abyme* reverso traz *Os moedeiros falsos* para a realidade. Na versão apócrifa e real, não por acaso, Georges, o sobrinho caçula de Édouard, acaba se prestando a repassar moedas falsas.

Notamos que entre os vários documentos e conversas transcritas no diário, consta uma única passagem de *Os moedeiros falsos*, a que Édouard antecipa que o “capítulo deve ser reescrito”; este trecho, que seria a transcrição de uma conversa sua com Profitendieu, é lido por Georges, que se reconhece no personagem Eudolfe, que experimentara roubar pela primeira vez.

Eu não tinha deixado de olhar para Georges durante todo o tempo de sua leitura; mas seu rosto não deixava transparecer nada do que podia estar pensando.

— Devo continuar? – perguntou no momento de virar a página.

— Inútil; a conversa acaba aí.

— É pena.

Devolveu-me o caderno e, num tom quase brincalhão:

— Eu gostaria de saber o que responde Eudolfe depois de ter lido o caderno.

— Exatamente, eu mesmo estou esperando pra saber.

⁰⁵ A respeito da estrutura abismal de *Os moedeiros falsos*, Silviano Santiago esclarece: “Do ponto de vista retórico, a estrutura de *Os Moedeiros Falsos* se inspira — e desde 1891 Gide estava consciente disso — na composição de brasões. A peça de nobreza pode trazer no seu interior, em miniatura, o desenho global. O todo se confunde com a parte. A parte se confunde com o todo. Questão de perspectiva. Em heráldica, a técnica se chama ‘em abismo’ [...]. Charles Du Bos foi o crítico mais contundente dessa estética. Apelou à distinção entre ‘complexidade’ (etimologia ‘plectere’, tecer) e ‘complicação’ (etimologia ‘plicare’, dobrar), para chegar à conclusão de que o autor de *Os Moedeiros Falsos* não era um romancista complexo, apenas complicado. Cheio de dobras. Barroco, diria Gilles Deleuze” (SANTIAGO, 2007).

— Eudolfe é um nome ridículo. Não poderia tê-lo batizado de outro modo? (GIDE, 2009: 327)

Adiantando que o tema profundo de Édouard é “a rivalidade entre o mundo real e a representação que fazemos dele”, cabe apontar no diário um outro “X” acompanhado de “Z”, que seriam preenchidos muito adiante, reiterando a relação de Édouard com a realidade que lhe dita o romance. Embora tenha exposto o plano de *Os moedeiros falsos* a alguém que não sabemos, posteriormente, em conversa com Sophroniska e Bernard, quando indagado sobre o projeto do romance, Édouard alega que “um projeto para um livro desse gênero é essencialmente inadmissível” e que aguarda que a realidade lhe “dite o conteúdo”, e então explica que seu personagem romancista “quererá afastar-se” da realidade, e que ele, autor, vai “levá-lo continuamente de volta a ela” (GIDE, 2009: 206), propósito que o narrador considera “ilogismo”, mas que parece esclarecer não apenas esse “X” como também o “Z” que aparece entre as notas sobre o romance: “X, no meu livro, se esforçará para se afastar de Z — e principalmente se esforçará para afastá-la de si” (GIDE, 2009: 81); donde este “X” seria o personagem romancista; e “Z”, que no contexto parecia corresponder a um personagem feminino inspirado em Laura, seria não uma pessoa, mas a “realidade”.

Notamos que, a princípio, o tema do romance seria “a luta entre os fatos propostos pela realidade e a realidade ideal”; mais adiante, Édouard o retifica e aprofunda, tornando-o “a rivalidade entre o mundo real e a representação que fazemos dele” (GIDE, 2009: 223). De qualquer maneira, a realidade parece moldada por estranhas forças externas, sob a batuta de Passavant. Entretanto, a realidade orquestrada por um mau ficcionista oportunista surrupiadador de ideias não contaria com o acaso, que no caso seria Bernard, o bastardo que ouve Hamlet e conversa com um anjo, assim como ganha uma providente moeda do diabo. Em diálogo com Laura, Bernard comenta que, para se distrair, escreveria com Édouard “o romance que ele sozinho não vai escrever” (GIDE, 2009: 222). É a partir dos pensamentos de Bernard que André Gide inicia *Os moedeiros falsos*, ao contrário da sugestão do realista Bernard, que, entre outras opiniões, começaria o romance apresentando uma moeda falsa.

Ela não tem o peso exato, creio; mas tem o brilho e quase o som de uma moeda verdadeira; seu revestimento é de ouro, de modo que vale, portanto, um pouco mais que dois tostões; mas ela é de cristal. Com o uso vai tornar-se transparente. (GIDE 2009: 210).

Passavant não contava com o “acaso Bernard”, que, por seu turno, depois de casualmente descobrir-se bastardo, faz-se devoto de Laura, que espera um filho bastardo. E se a narrativa em primeira pessoa se inicia pelo imprevisto e providente Bernard, e não por sua sugestão realista de começar apresentando uma moeda falsa; o final de *Os moedeiros falsos* de André Gide coincide com o fim sem fim pretendido por Édouard, não exatamente com a mesma frase, mas igualmente aberto à continuação. Édouard vislumbra inspiração para um futuro personagem no irmão caçula de Bernard, o garoto Caloub, que “a cada dia fica preso numa pensão após a saída do liceu”, como soube-mos logo no início do romance (GIDE, 2009: 13). E *Os moedeiros falsos* termina com uma nota do diário de Édouard:

Fiquei sabendo por Oliver, que Bernard voltou para a casa do pai; e, palavra, era o que tinha de melhor a fazer. Ao tomar conhecimento, pelo pequeno Caloub, a quem encontrou fortuitamente, de que o velho juiz não passava bem, Bernard nada mais ouviu que seu coração. Devemos nos rever amanhã à noite, pois Profitendieu convidou-me para jantar com Molinier, Pauline e os dois filhos. Estou bastante curioso por conhecer Caloub (GIDE, 2009: 418).

Exposta a hipótese, fica a pergunta: Édouard suspeitava que Passavant estaria tramando a realidade a fim de esconder-se da metáfora em que teria se reconhecido? Isto não importa, é um trabalho para a polícia de Profitendieu; a tragédia moral já fez seus estragos, restando ao sal insípido ter o sabor restituído com suor ou lágrimas.

REFERÊNCIAS

- CERVANTES, Miguel. **Don Quijote de la Mancha**. México, Edición Guanajuato, 2010.
- GIDE, André. **Os moedeiros falsos**. Tradução: Mário Laranjeira. Estação Liberdade: São Paulo, 2009.
- JIMÉNEZ, Alfonso Martín. “**Cervantes versus Pasamonte (“Avellaneda”): Crónica de una venganza literaria**”. *Tonos Digital. Revista Electrónica de Estudios Filológicos*, 8, diciembre 2004, pp. 1-30. Disponível em: < <https://www.um.es/tonosdigital/znum8/portada/tritonos/CervantesPasamonte.htm> > Acesso em 16 set. 2021.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. Editora 34: São Paulo, 2000.
- MILLER, Laura Teixeira. **A recepção da literatura pela crítica brasileira: leituras da obra de André Gide**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- _____. **A origem da tragédia proveniente do espírito da música**. Editora Cupolo, 1948. *E-book*.
- PONSETI, Helena Percas de. **La reconfirmación de que Pasamonte fue Avellaneda (Artículo-resena)**. *The Cervantes Society of America*, 2006.
- SANTIAGO, Silviano. André Gide por Silviano Santiago. **Folha de São Paulo**, São Paulo, domingo, 30 set. 2007. Suplemento *Mais!*

